UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

ISABEL CRISTINA CORRÊA PRETO BORGES

MULHERES BENZEDEIRAS DE SALINÓPOLIS: práticas de cura, entre mudanças e permanências.

ANANINDEUA
2023

ISABEL CRISTINA CORRÊA PRETO BORGES

MULHERES BENZEDEIRAS DE SALINÓPOLIS: práticas de cura, entre mudanças e permanências.

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Dra. Anna Maria Alves Linhares

ANANINDEUA
2023

MULHERES BENZEDEIRAS DE SALINÓPOLIS: práticas de cura, entre mudanças e permanências.

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Data da aprovação: ____/____/_____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Anna Maria Alves Linhares
Orientadora
Campus Ananindeua - UFPA

_____

Examinador

_____

Examinador

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir e analisar as práticas de cura de Benzedeiras de Salinópolis, tendo em vista as diferentes problemáticas que elas enfrentam como: o preconceito religioso, a sociedade patriarcal, o dia a dia difícil de mulheres negras que vivem na periferia, entre outros. Esta manifestação cultural é realizada majoritariamente por mulheres que benzem e que curam com a fé, por meio da religiosidade e sincretismo com base na herança africana, indígena e europeia. É importante discutir sobre essas práticas por meio de uma abordagem de como esse ofício foi adquirido, como são realizados, quais materiais e ervas que as mesmas utilizam em suas curas e/ou rezas, como as mesmas são vistas pela sociedade e qual público costuma procurá-las com o intuito de tratamento de doenças, almejando graças na vida pessoal por meio da benzedura. É preciso compreender também, como se dá a continuidade desta tradição ao longo das gerações dessas mulheres, por que são elas que benzem e o que está por detrás dessa prática em Salinópolis? Como metodologia, a pesquisa vai utilizar entrevistas por meio de áudios e também fotografias com a finalidade de mostrar os relatos das práticas do benzimento, utilizando-se de fontes orais e imagéticas. Pretende-se confirmar com essa discussão que as mulheres ainda são procuradas por muitas pessoas no município, e que a tradição é passada de geração em geração. Ademais, que os indivíduos acreditam no dom da cura, no sincretismo próprio das religiões de matriz africana, como a Umbanda, além de acreditar na herança da religiosidade indígena em paralelo ao sistema de saúde pública.

Palavras-Chave: Mulheres Benzedeiras; Religiosidade; Salinópolis.

ABSTRACT

The objective of this article is to discuss and analyze the healing practices of healers from Salinópolis, taking into account the different problems they endure, for example: religious prejudice, patriarchal society, the difficult daily lives of black women who live on the outskirts, and others situations. This cultural manifestation is carried out mainly by women who bless and heal with faith, through religiosity and syncretism based on African, indigenous and European heritage. It is important to discuss these practices through an approach of how this craft was acquired, how they are performed, what materials and herbs they use in their cures and/or prayers, how they are seen by society and which public they usually seek out. them with the aim of treating illnesses, seeking graces in personal life through blessings. It is also necessary to understand how this tradition continues throughout the generations of these women, why are they the ones who bless and what is behind this practice in Salinópolis? As a methodology, the research will use audio interviews and also photographs, Why are they with the purpose of showing reports of blessing practices, using oral and imagetic sources. This discussion aims to confirm that women are still sought after by many people in the municipality, and that the tradition is passed down from generation to generation. Furthermore, individuals believe in the gift of healing, in the syncretism typical of African-based religions, such as Umbanda, in addition to believing in the heritage of indigenous religiosity in parallel to the public health system.

Keywords: Women Healer; Religiosity; Salinópolis.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as práticas das mulheres benzedeiras de Salinópolis/PA, de maneira a desvendar e refletir como elas desenvolvem suas curas e rezas, como constituem seus métodos, os elementos que utilizam sejam eles materiais ou orações/rezas. Para isso, foram feitas entrevistas abertas nos locais de própria escolha das narradoras, a fim de entender de forma mais pontual as manifestações culturais desenvolvidas por essas mulheres.

O objetivo principal é compreender como as mulheres benzedeiras ainda são importantes e presentes em Salinópolis, buscando desvendar as relações que estas geram no meio social em que vivem, quais sujeitos são envolvidos e com quais propósitos, além de refletir sobre a resistência cultural dessas mulheres no ato de cura, como patrimônio imaterial do município. Para reforçar, é preciso identificar quem são essas mulheres que praticam a benzedura, além de descrever os materiais, as orações, as rezas, as ervas e quais outros instrumentos utilizam, além de como ocorrem os rituais de benzeção.

Esses são pontos centrais que permitem relacionar os conceitos de cultura e tradição, que são mecanismos que a humanidade se utiliza para garantir suas vivências por meio de práticas passadas de geração a geração, que são repetidas por meio de técnicas e ensinamentos dinâmicos socialmente. A partir do ponto de vista de Clifford (1997) onde afirma que a cultura busca sempre novos significados é preciso garantir que os significados do fazer popular se mantenham, que não significa que não mude, e se manifestem sempre que necessário, tomando seu espaço propriamente dito, sendo peça fundamental na construção da identidade de um determinado povo.

Conseguir desenvolver uma pesquisa como essa é debruçar-se sobre a necessidade de se utilizar os mecanismos da História Oral, analisando discursos e memórias, para se chegar a novos horizontes de expectativas e assim contribuir com a discussão acadêmica referente à Cultura Popular, o saber local, a memória e os usos da oralidade. Segundo Portelli:

> (...) a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: a relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); a relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); a relação entre esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre , digamos, a História e as histórias; a relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador. (2016, p. 12)

Partindo da afirmativa do autor, foi documentado por meio de fontes orais a entrevista de três mulheres[1] moradoras de bairros da periferia de Salinópolis, que são conhecidas pela prática de benzeção e cura dentro das crenças e religiões que seguem. Foi concedida autorização de todas as entrevistadas, para utilização de seus relatos neste artigo.

É necessário entender como os processos humanos ocorrem e se mantém ao longo do tempo na sociedade, sejam elas das mais diferentes naturezas: social, política, cultural, histórica, etc. As trocas e as continuações são frutos de muita resistência às mudanças impostas pelo avanço tecnológico, por exemplo. Mas o saber popular, as histórias contadas pelo povo, os costumes, as ações humanas, são carregadas nas mentes e nas mãos de pessoas de diferentes origens que são a linha de frente dessa resistência.

Nesse sentido, falar das benzedeiras em Salinópolis/PA é mostrar que o saber popular da benzedura e da cura resiste ao tempo, mesmo com as transformações da sociedade informatizada que se conhece hoje. Segundo Santos "A benzeção é uma prática popular de cura, que utiliza uma linguagem específica, tanto oral, quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas também de dar explicação sobre o que está acontecendo." (2014, p.14).

Por isso, é importante destacar que o conhecimento e o saber popular também devem ser vistos como relevantes para sociedade em geral como forma de empoderar as sujeitas e os sujeitos em torno da vida cotidiana, que são resultado de um processo histórico complexo e significativo, pois o Brasil vem da multiplicidade étnica de diferentes povos e culturas.

O artigo analisa o tempo presente da benzeção em três bairros[2] de Salinópolis de maneira a discutir, desvendar e demonstrar como a benzedura e a cura são desenvolvidas de maneira distinta no município no sentido das práticas, dos ritos, das rezas, etc.; além de dar visibilidade a essas mulheres diante da população salinopolitana como sujeitas importantes na permanência e salvaguarda desta manifestação da cultura imaterial.

[1] São elas: Dona Maria de Nazaré Santos Mourão, moradora do bairro São José; Dona Laura Travassos dos Santos, moradora do bairro da Nova Brasília; Dona Zélia Maria Saraiva, moradora do bairro do Porto Grande.
[2] Bairros do Porto Grande, São Tomé e Nova Brasília.

BENZER E CURAR: prática ancestral e protagonismo feminino.

A benzeção é uma prática cultural ancestral que existe no território do atual Brasil antes mesmo da colonização – não sendo possível dizer quando de fato começou - e está associado ao sincretismo religioso e a atuação feminina. Esta afirmação está em Laura de Mello Souza quando nos primeiros anos de dominação portuguesa os viajantes relatavam a presença do "demônio", associados aos rituais de pajelança, com o objetivo de perseguir e punir aqueles que se desvirtuassem do catolicismo. Segundo a autora:

> Induzidos ao erro pelo Maligno, incapazes do discernimento por serem privados de razão, os indígenas atolam-se mais e mais no engano da idolatria: adoram o Diabo através dos seus Ministros, os pajés, "pessoas de má vida, que dedicaram a servir o diabo para receber seus vizinhos".
> [...] Constada nos hábitos e na vida cotidiana, confirmada nas práticas mágicas e na feitiçaria, a demonização do homem colonial expandiu-se a figura do índio – seu primeiro objeto – para a do escravo, ganhando, por fim, os demais colonos. (1986, p 70)

Diante disso, é preciso elucidar a seguinte afirmação de cultura na visão do autor Clifford Geertz (1989), "a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação". São significados transmitidos historicamente, ou seja, símbolos específicos que ganham materialidade no comportamento dos indivíduos. Com base na afirmativa desse autor, sem a humanidade não haveria cultura e vice-versa. O fazer cultural é próprio de mulheres e homens racionais.

Sobre o conceito de busca de cura e associação dos elementos benéficos que a natureza pode gerar, é preciso interpretar a partir de Orlandi (2012), as comunidades locais representam o lugar em que se pode observar a relação entre língua, ideologia e memórias que são apresentadas nas narrativas orais, imagéticas e escritas, as escolhas realizadas pelos moradores desse local para aliviarem ou sanarem seus problemas de saúde, quer seja apoiadas nas ações oriundas dos recursos da natureza, da fé ou da credibilidade que se deposita na indústria medicamentosa. Ou seja, os indivíduos colocam as práticas da cura como parte da sua necessidade diária, sendo uma opção a mais para vida.

No Brasil, é comum a presença de mulheres que benzem por meio de plantas, ervas e reza com o intuito de curar doenças, enfermidades físicas, mentais e psicológicas, buscando para isso o conhecimento popular da ancestralidade que se originam da mistura das religiões presentes no Brasil desde o período da colonização portuguesa, que são a católica, a indígena e as africanas. Isso pode ser confirmado a partir da fala de Laura de Mello:

> Em 23 de julho de 1793, Domingos Marinho, natural de Vila Rica, confessava junto à Inquisição que, por padecer de "algumas enfermidades", chamara a curandeira Maria Cardosa e seu afilhado Antonio, de 16 anos, ambos pretos forros. Estes

> fizeram várias orações, correndo-lhe o corpo com uma pedrinha branca, depois com uma navalha amarrada com novelo de algodão. Rezaram ainda para a Santíssima Trindade, para São Domingos, para São Francisco, falando na "sua língua". (1986, p. 71).

Partindo dessa afirmativa, percebe-se que o século XVIII já estava impregnado do sincretismo e as rezas já eram buscadas pelas pessoas de posses, que acreditavam no místico e no conhecimento popular, principalmente das mulheres. Neste caso, vê-se a presença de negros e "sua língua", ou seja, elementos de uma herança ancestral do continente africano. Seguindo no mesmo parágrafo a autora Laura e Souza faz o seguinte relato: "Domingos Marinho estava arrependido, ou pelo menos se dizia estar. No final da confissão, declarou: 'Estas Minas estão bastante infectadas do Demônio.'. Atemorizado, Domingos falava com a voz da Inquisição, dos poderes estabelecidos." (Idem).

A voz da Inquisição que atemoriza o acusado, descrito pela autora, é a representação do olhar europeu impregnado de significados que desde os primeiros anos de colonização se voltou para América e para os ameríndios, que também aconteceu em relação as nações africanas: povos bestiais, demonizados, impossíveis de "haver humanidade", logo não podendo catequizá-los em um dia, mas em um ano; que usavam da feitiçaria para curarem-se ou lançar "mal olhado"; a terra que carrega em seu nome a brasa do fogo que arde que é relacionado a imagem do Inferno. Esses significados foram absorvidos na sociedade que se constituiria a partir daí, uma vez que carregariam em suas memórias uma herança colonizadora e inquisidora por meio, principalmente, da religião católica como única considerada válida naqueles dias idos.

O que seria a significação de benção na cultura popular, uma vez que a etimologia da língua grega clássica sugere uma hegemonia de significado religioso católico (Dicionário Crítico de Teologia, 1981, p. 282), porém é necessário analisar a construção do significado popular das palavras "benzer", "benzeduras", "benzeção", "benzimento", pois podem ser considerados sinônimos de pajelança uma vez que as pessoas que praticam o fazem para curar males físicos e espirituais como se tivessem poderes associados à magia, que é oriundo de práticas indígenas próprios de pajés das diferentes etnias. Como cita Didier de Laveleye:

> A "pajelança" refere-se a um conjunto de práticas e rituais e de representações da natureza e do corpo, típica das populações amazônicas, aplicada principalmente pelos pajés na cura das doenças e aflições. Habitualmente considera-se, em Antropologia, que um tal "conjunto" (de ritos e mitos) enraíza-se na cultura de cada povo. Existem, assim, tantas pajelanças quanto povos diferentes existem no Norte do Brasil, tanto nas sociedades indígenas quanto no mundo "caboclo" ou camponês. [...] Assim, uma característica geral da pajelança está nessa flexibilidade cultural, permitindo uma importante heterogeneidade de conjuntos rituais e míticos, e uma larga distribuição em todo o espaço social. (Laveleye, 2008, p. 113).

Diante da afirmação acima, a benzeção é uma prática que carrega em seus rituais características da pajelança que lhe são necessárias para o ato acontecer e ocorre de diferentes maneiras nos mais diferentes locais da região amazônica. No caso de Salinópolis vai impregnar nas práticas de benzedura dessas mulheres detalhes distintos e próprios dos seus lugares de nascença e de vivência.

Benzer, portanto, envolve as religiões que constituíram a história do Brasil. Principalmente as mulheres, são as capitalizadoras dessa fé por meio da tradição familiar ou imposto pela própria religião que seguem, podendo aceitar ou não seu destino. Isso é uma construção a partir das vivências dessas mulheres que carregam a ancestralidade do poder e da cura desde seu nascimento ou por revelação quando possuem mais idade.

Diante do que foi colocado é perceptível na periferia de Salinópolis/PA, que os rituais ocorrem principalmente dentro de uma lógica religiosa, por exemplo: a reza dentro de um terreiro de umbanda, em que a rezadeira invoca os seus guias, veste seus trajes e canta suas louvações; a reza num quartinho decorado com imagens das santas e dos santos católicos junto com roupas e colares da umbanda, acompanhada de banhos e cheiros feitos de raízes e ervas ao som de ladainha; o relato da mulher cansada que diz que a oração vinha a sua cabeça "do nada", sem que ela soubesse explicar, dito na entrevista ao som de graças a Deus repetidas vezes.

Pode-se dizer que a essência da benzeção é a oração e o rito, pois são essenciais na constituição do caminho ao objetivo da benzedura: curar por meio da fé. As benzedeiras têm uma relação com os santos e as santas que se constitui no cotidiano em que elas atuam de forma íntima, onde se concretiza o ofício do benzimento, pois elas são importantes naquele meio seguindo mecanismos muito bem organizados dentro de uma lógica popular.

A crença do surgimento ou aquisição do dom de quem procura ou pratica a benzeção segue a ideia de que isso ocorre num momento mágico de revelação, mas também pelo recebimento das "mãos" e "mente" de mães e pais ou de um mestre que incentiva as mulheres. Em relação a primeira afirmação, Max Weber (1994) sugere que a descoberta do dom é vista como uma missão a ser cumpria, uma vez possuindo essa capacidade não se pode simplesmente ignorar sua existência. Assim, as benzedeiras atuam em virtude de dons pessoais e da prova destes por milagres e revelação pessoal. Atribui-se essa afirmação os relatos apresentados pelas entrevistadas, a saber:

> Eu nasci em São Luís do Maranhão na capitar, meu pai e minha mãe trabalhava com Umbanda, aí quando me entendi, acho que quando minha mãe me fez com meu pai, já foi dentro do terreiro de umbanda, né! Me criei dentro do terreiro e comecei a receber meus guias dentro do terreiro da minha mãe (que pertencia a mãe dela), eu tinha sete anos de idade, desde os sete anos que trabalho.

> [...]eu já trouxe meu dom, porque seu tivesse aprendido com meus pais, eu não tinha dom, eu aprendi o que eu via eles fazer, né. Mas eu já trouxe o meu dom, porque eu já nasci ali dentro... já trouxe o dom, o meu pai trabalhava, a minha mãe também com umbanda, entendeu? Então, quando saí do ventre da minha mãe, eu já truxe aquele dom, não foi aprendido, foi o dom que Deus me deu e eu não trabalho com negócio de livro, eu num trabalho com negócio de tá inventando é isso e aquilo, eu só trabalho cum que os guias passam na minha cabeça e falo, entendeu? É assim que é o meu modo do meu trabalho.[3]

Na fala da entrevistada percebe-se a afirmação de que o seu dom que ela diz ter recebido no momento da concepção da existência dela, do seu nascimento ali num espaço de religiosidade. Essa afirmação contraditória se justifica porque ao mesmo tempo ela relata que também aprendeu observando seus pais dentro do terreiro de umbanda e que os guias a orientam quanto suas práticas. É preciso notar que nesse primeiro caso, tem-se uma prática oriunda da matriz religiosa africana.

Segundo a autora Elda Oliveira (1985), quanto a prática da benzeção, antigamente era prioritariamente católica, o que ocorria apenas em locais como as igrejas e santuários, porém, mais recentemente, religiões como a umbanda, o candomblé, os pentecostais e o kardecismo começaram a multiplicar as possibilidades de rituais, de significados e de desenvolvimento dessas práticas. Dessa união de diferentes religiões com ritos próprios surgiu uma pluralidade de práticas sem que se perdesse, atualizando processos que atravessam os tempos. Isso está associado com as transformações dessas práticas de acordo com o que cada indivíduo absorve e atribuem ao longo de suas vivências cotidianas associadas a religião.

Quanto ao primeiro exemplo, descrito acima, abordado pela fala da entrevistada, tem-se o exemplo da atuação da religião da umbanda que traz com o aporte tradicional da ancestralidade africana características distintas para a benzeção. A primeira característica se associa com o fato das religiões de matriz africanas ficarem, desde o período colonial, a margem das práticas religiosas no Brasil, sendo colocadas numa posição de rejeição pelo grupo identificadamente branco, católico e de origem rica. Ou seja, eram associadas aos escravizados e escravizadas, em seguida, aos negros e as negras libertos, e hoje em dia, ao (a) indivíduo (a) preto (a) pobre da periferia. Isso traz um mecanismo de justificativa utilizado por sujeitos e sujeitas que se apropriam de um discurso preconceituoso que começou lá no colonialismo português.

A outra característica que se associa ao ritual propriamente dito, segundo Domingues:

> Os benzimentos realizados na Umbanda na sua maioria são nos cultos, esses têm uma sessão de acontecimentos subsequentes, que incluem a preparação, cantigas para invocação, incorporação das entidades espirituais, benzimentos e consultas,

[3] Entrevista concedida no dia 17 de outubro de 2023 pela dona Maria de Nazaré.

> despedidas e encerramento. É realizado uma defumação, muitos terreiros iniciam a preparação com essa defumação, com intuito de trazer a limpeza do ambiente e das pessoas, trazendo boas energias. A defumação já pode ser percebida como uma espécie de benzeção, pois a fumaça é passada de pessoa a pessoa, com a entoada de cantos invocando essa harmonização (2016).

Esse exemplo demonstra os processo de preparação dos benzedores e benzedoras. Ademais a isso, destaca-se o processo ritualístico direcionado aos processos de recebimento das entidades que ocorre com aqueles que são praticantes da umbanda. Segundo Barbosa:

> Após a incorporação das entidades, o frequentador ou visitante é levado para o benzimento, isso irá depender da necessidade relatada do mesmo ao pai ou mãe de santo, esse ritual é chamado de passe pelos adeptos da religião. Após o passe, algumas pessoas são encaminhadas para as consultas, onde há o acolhimento e aconselhamento do tratamento que o mesmo necessita. Tanto os conselhos quanto a aplicação da benzeção (passe), são intermediados pelos médiuns com entidades espirituais incorporadas e por outros que auxiliam para sanar dúvidas quanto a comunicação entre a entidade e a pessoa (2015).

Esta afirmativa caracteriza o processo do ritual de benzeção dentro da religião da umbanda que pode ser entendido como próprio e único dessa manifestação religiosa, além de ser uma proposta de resistência diante da hegemonia católica, que perdeu o status de única com "poderes" para benzer aqueles que sentem algum mal. Vê-se a afirmação do uso de entidades que se manifestam por meio do passe, que significa a incorporação destas nos pais e mães de santo, após isso é que se podem ocorrer as consultas.

Antes de tratar do protagonismo feminino na benzeção é preciso entender como ocorreu, historicamente, o condicionamento das mulheres como as provedoras naturais do lar. A elas ficou destinado o papel de trabalhar para família, de cuidar de outros, criar e amar (incondicionalmente) seus filhos – e marido -, mesmo que isso significasse anular-se de seus objetivos e anseios individuais, ou seja, o espaço privado era naturalmente das mulheres, enquanto os homens eram erigidos ao espaço público. Porém, nem sempre foi assim. A autora Valeska Zanello afirma que essa definição de cuidadora como papel da mulher tem haver com o processo de construção social do sentimento de maternidade:

> É, sobretudo, a partir do século XVIII que o ideal de maternidade passou por grandes transformações e houve a naturalização do sentimento materno. Não que muitas mães não tenham amado seus filhos em séculos anteriores, mas sim que essa atitude nunca foi universal.
> [...]
> Após 1760 abundam publicações que naturalizam o "instinto" materno ou o amor espontâneo da mãe pelo filho, glorificando esse sentimento. (2018, p. 125-126)

Entretanto, este sentimento discutido pela autora é construído por meio de justificativas constituídas e aceitas socialmente, por exemplo, pela visão científica que se impunha por meio da palavra da medicina. Segundo Zanello, a partir de fins do século XIX e

começo do XX, a “ciência” emprestou novo colorido e injetou nova energia na configuração do ideal materno:

> A medicina ao incorporar as ideias da Igreja sobre a natureza da mulher, deu-lhe um discurso científico, usando certa leitura sobre o funcionamento do corpo feminino para naturalizar ainda mais esse processo de domesticação. Esse discurso afirma que a função natural, teleológica, da mulher, era a procriação. Ao estatuto biológico, procurava-se associar outro, de cunho moral.
> [...]
> O discurso médico configurou-se como um olhar interessado, masculino, estigmatizado, que construiu um saber sobre os corpos das mulheres, retirando delas sua própria voz. Da afirmação de que toda mulher poderia ser mãe, a medicina concluiu que a mulher não poderia ser outra coisa que mãe. Por outro lado, firmou-se também a necessidade de prescrição “científica” de como deveria ser o comportamento materno e os cuidados com o bebê. (2018, p. 132)

Percebe-se então que o processo de construção do papel da mulher levou a subjugação e subordinação aos encargos masculinos que destinavam a elas papeis que consideravam menos importantes, porém, com o discurso de valorização da importância da atuação delas para a sociedade num mundo capitalista e industrializado. Ou seja, a mulher era encorajada a exercer papel de provedora da prole, cuidadora e mantenedora do lar, enquanto aos homens cabia uma atuação necessária no âmbito público, mas isso só era possível porque impunham às elas restrições sociais. Era o “teto” feminino: ser bem sucedida era (e ainda é) ter um bom casamento, filhos bem cuidados, lar harmonioso.

Alinhado a isso, é preciso entender como esse ideal de cuidado próprio de sujeitas femininas se associa ao Brasil a partir do período de colonização, pois este papel se estende a imagem das mulheres de classes subalternas que são onde, quase sempre, estão aquelas que benzem que curam e que cuidam. Segundo a autora Mary Del Priore:

> Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeiras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da igreja, que as vias como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações Satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos que não alcançavam os longínquos rincões da colônia. (2004, p. 68).

O que se vê é que o papel de gênero definido como o de cuidado, que estava associado já, desde o século XVII, a atuação dessas mulheres como curandeiras, benzedeiras que tinham a solução para os males da população local. Essa ideia se mantém até o século XXI, pois o que ainda se vê são mulheres vistas como “mães Marias”, “tias Nazas”, entre outras

definições, que têm o poder de dar soluções para os problemas da sociedade moderna. Portanto, a permanência desse papel se configura como necessário e importante para maioria das pessoas que ainda buscam a benzeção.

A representatividade da ancestralidade das mulheres que curam e que benzem traz um grande ensinamento de respeito, de sabedoria que são construídos ao longo de muitos anos, com o envolvimento de diferentes sujeitos, grupos e atos: família, grupo religioso, pai ou mãe de santo, reza e oração; ervas e plantas, rituais, etc. Junto com a espiritualidade chegam os anseios da sociedade que buscam nessas mulheres a confiança e o acreditar que elas podem resolver seus problemas de saúde, financeiros, amorosos, entre outras coisas.

É preciso compreender que as mulheres são a maioria nessa prática, uma vez que estão sujeitas a um papel de cuidado e proteção, como já discutido acima. Para elucidar ainda mais esta questão, a autora Elda Oliveira (1985) descreve que a imagem da benzedeira é de uma mulher casada, mãe de alguns filhos, avós de muitos netos, pobre, que domina as rezas e ervas e faz massagens, cataplasmas e chás. E ainda segundo a autora, elas também são vistas como aquelas que podem curar as dores e as doenças, são cientistas populares, que o fazem por meio do misticismo, da religião e dos conhecimentos curativos que tem das plantas.

Falar sobre mulheres benzedeiras é também falar sobre a cultura tradicional dos seres humanos, de como os ensinamentos populares ainda são presentes e fortes na sociedade. Porém, a resistência dessas mulheres em manter suas práticas é também ensejado pela própria sociedade que as buscam, que acreditam em seus rituais. Pode-se dizer que os sujeitos sociais são dicotômicos e carregam em si uma atitude de progresso próprio do século XXI, mas também, estão impregnados dos saberes populares. São comportamentos próprios dos brasileiros e das brasileiras, que tem em sua construção histórica a presença do sincretismo religioso.

A BENZEÇÃO EM SALINÓPOLIS: entre mudanças e permanências.

Como as mulheres benzedeiras de Salinópolis praticam suas curas, apesar de lidarem com as mudanças e permanências de costumes em seu meio social? Em muitos locais ao longo do Brasil há relatos de mulheres benzedeiras que são legitimadas por meio da memória e da oralidade dos moradores dos sertões brasileiros, que relatam suas histórias e seus saberes, passados de geração a geração. Isso significa pensar no que se tornam as pessoas enquanto povo e como se constituem diante de tanta diversidade cultural, como se apropriam do

conhecimento que vem do povo, bem como, a forma que como o utilizam para melhorar o dia a dia da sociedade.

A prática da curandeiria é muito importante entre os grupos populares onde essas mulheres atuam; principalmente nas zonas periféricas, onde muitas vezes, é o único meio de que as pessoas dispõem para tratarem suas enfermidades, limitação causada por conta das baixas condições em que vivem ou falta de acesso aos benefícios de saúde do governo, que nem sempre são suficientes a uma determinada localidade. Por isso, muitas vezes, procuram e utilizam os tratamentos considerados "informais". Isso faz pensar que este pode ser um fator primordial na ajuda da manutenção desses costumes entre esses grupos populares.

Um aspecto que se levanta nesta discussão diz respeito à forma como essas mulheres atuam e sua importância dentro da comunidade, que são resultados das relações sociais que mantém. É muito comum expressões do tipo "Leva esse menino na Dona Rita para benzer, que é quebranto..." ou "Só funciona com reza braba...". Muitas vezes, as pessoas se submetem primeiro aos ensinos das benzedeiras antes de procurar um médico no posto do bairro ou no hospital, e as palavras da primeira se prevalecem sobre o academicismo da ciência.

As nações indígenas e as mulheres de origem africana são as pioneiras nas práticas de benzeção nos territórios da América Portuguesa durante o período colonial, como já demonstrado pelas autoras Laura de Mello e Souza e Mary Del Priore, portanto devem-se considerar os aspectos que levam essa prática a chegar ao nordeste paraense, mais precisamente em Salinópolis/PA.

Diante disso, é necessário tratar se a presença de hospitais (um de porte regional) e dos postos de saúde nos bairros contribuiu para as mudanças nas práticas de benzeção no município. De que maneira se observa a associação feita pelos sujeitos que procuram as mulheres benzedeiras no que se refere ao conhecimento da medicina medicamentosa e o conhecimento popular envolvidos no ato de benzer. Ou seja, como se coadunam ou se excluem nessa prática.

No que se refere às benzedeiras salinenses[4], são mulheres que ao longo de suas gerações praticam a cultura do saber local considerando os conhecimentos adquiridos com suas antepassadas, buscando mecanismos de cura e reza, de acordo com suas influências religiosas, sociais e históricas. Pode-se dizer então, que são importantes na construção cultural da localidade que atuam e por isso, devem ser vistas como importantes. Segundo Clifford

[4] Gentílico popular dado aos nascidos na ex-Salinas, chamada de Salinópolis a partir de 30 de dezembro de 1937, através do Decreto Estadual nº 4.5054. (Marinho, 2009)

Geertz, é preciso retirar os óculos da sua própria percepção sobre a cultura do outro e usar os óculos de quem se pretende usar como objeto de estudo:

> Em vez de tentar examinar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta concepção, que é o que a tão elogiada "empatia" acaba fazendo, para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do "eu". (1997, p. 91).

As mulheres que serão envolvidas na pesquisa foram escolhidas como narradoras deste estudo por exercerem ou já terem exercido vínculos diretos ou indiretos com as práticas de cura nos bairros periféricos de Salinópolis, sendo elas trabalhadoras da cura e da reza, que mantêm vivo em seu cotidiano e memória as práticas culturais deste saber.

Salinópolis é uma região sem documentação oficial e não oficial de práticas culturais, de manifestações populares, históricas e sociais acadêmicas, sendo necessário garantir o debate para as gerações futuras que pretenderem averiguar os nuances culturais dessa região do salgado, que tem muita mais que praias e badalação para mostrar. A sua própria gente, seus próprios indivíduos, sua própria História. Portanto, a partir daqui serão tratadas as entrevistas e os aspectos abordados pelas mulheres benzedeiras.

A primeira entrevistada é Dona Maria de Nazaré Santos Mourão, de origem maranhense, negra, moradora da periferia de Salinópolis há quarenta anos, cuidadora de filhos e netos, além de mantenedora de um terreiro de umbanda que homenageia e devota a Santa Bárbara. É perceptível o sincretismo logo na chegada ao terreiro, uma vez que está decorado com imagens de santos e de santas, entidades da religião afro, divididas em diferentes altares de forma a diferenciar o misticismo presente no lugar, conforme a imagem que segue:

Imagem 1: entrada do terreiro com a ilustração da Santa Bárbara/ Fonte: arquivo pessoal.

Dona Nazaré relata que a atuação na benzedura começou ainda criança quando seus pais trabalhavam num terreiro na cidade de São Luís no Maranhão, segundo ela, na "capitar". Diz que a sua concepção ocorreu dentro deste espaço e esse episódio foi primordial para que

ela nascesse com o dom de benzer. Ao vir para Salinas[5], há quarenta anos, conta que sempre foi muito procurada, que só quem não a conhece são moradores recentes no município. Segue seu relato:

> Eu tô com setenta e três anos, então aqui em Salinas já vai fazer quarenta anos que moro aqui... aqui quarse todo mundo me conhece, várias pessoas que não me conhecem só esses que chegaram recente, né... muitos os persoal daqui tudo me conhece, tanto daqui, como de outros lugares, é Belém, é Castanhal, é Capanema, é Parauapeba, gente de longe tudo vem aqui atrás de mim.
> As pessoa me procuram muito... quando cheguei logo no começo as pessoa era uma aqui e outra aculá, logo assim que cheguei aqui, mais depois que eles passaram a me conhecer e dá todo dia, todo dia vem gente, tanto pra atender, vem gente mais de longe do que daqui, porque os daqui... tudo, eu tenho muito amigo aqui, mas muito tem pena, né? E as pessoas que vem de fora não, vem gente de Belém, agora pelo ciro aqui vai dá gente que só, porque tem criente em Belém, tem cliente praculá, eles vêm tudo passar o recirio para cá, quando eles chegam aqui eles tudo me procuram.[6]

Este relato demonstra que a procura pelo trabalho oferecido por D. Nazaré é grande e que é vista e conhecida tanto pela população local – apesar de afirmar que poucas pessoas da cidade a busquem - quanto por pessoas de outras cidades. Porém, essa importância deve partir primeira da mulher que se descobre dentro da prática e isto pode ser observado a partir da afirmação dos autores Léo Nogueira, Suelen Versonito e Bruno Tristão:

> É com a descoberta do dom que a benzedeira se vê sob uma nova perspectiva. Ao recebê-lo, ela passa a carregar em sua existência algo que a difere dos demais, não sendo superior, mas sim dotada de uma característica própria, algo que faz parte apenas de seu ser, que alimenta sua vontade de ajudar o próximo e com o isso dá um sentido a mais para sua vida, se dedicando a comunidade e fazendo do seu ofício de benzer que estrutura e dá base para o meio social ao qual se insere. (2012, p. 174)

Ademais, percebe-se a ênfase dada por D. Nazaré a sua prática quando ela relata a maneira como ocorre os processos de benzeção e enfatiza que faz apenas o bem:

> Então assim, meu modos dos meus trabalhos, eu não faço maldade para ninguém, jamais. O meu dom é o que eu faço, se as pessoas tiver com alguma coisa feita, que algum coração maldoso fez e vier bater na minha porta que eu puder ajudar, eu ajudo. Esse negócio de cura né... aí eu rezo em criança, eu rezo em gente grande, eu levanto negócio de espinhela, eu puxo mãe do corpo, eu puxo barriga de mulher gestante eu faço pas pessoas que vêm atrás de mim para negócio de venda, de barraca, de comércio, essas coisa tudo eu faço, eu rezo quebranto, tudo eu rezo.[7]

A fala enfatizada sobre a negação do “mal” pode ser percebida por conta da visão enraizada de preconceitos direcionados as manifestações de religiões de matriz africana, por isso a necessidade da entrevistada, sempre que possível, em dizer que não faz “trabalhos” de

---

[5] Definição popular utilizada também para designar a cidade de Salinópolis.
[6] Entrevista concedida no dia 17 de outubro de 2023 pela dona Maria de Nazaré.
[7] Idem.

maledicências. Isso pode ser percebido na atualidade e é herança do período colonial, como bem descreve a autora Mary Del Priore:

> Tentando impedir o acesso de leigos ao mundo sobrenatural, a Igreja intervinha rapidamente, atribuindo os remédios e as curas das enfermidades ao poder miraculoso dos santos, santas, de Nossa Senhora e de Deus. Curandeiras e benzedeiras que curavam com "orações, benzimentos, rezas e palavras santas", pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica. O exemplo da mameluca Domingas Gomes da Ressurreição, moradora do Grão-Pará em 1763, é uma boa ilustração do problema. Angariando fama por curar erisipela e quebranto, Domingas seguia um ritual que incluía pronunciar as seguintes palavras: "Dois olhos mais te deram, com três te hei de curar, que são três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espirito Santo", e, enquanto fazia cruzes sobre os enfermos, "rezava um Padre Nosso e Ave Maria à paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo". (2004, p. 77)

Para elucidar a presença católica nas práticas de d. Nazaré, a imagem a seguir demonstra um dos altares presente no terreiro que homenageia Santa Bárbara e Iansã[8], percebe-se a presença de diferentes esculturas e pinturas católicas:

Imagem 2: altar do santos e santas católicas e das entidades da umbanda, ao centro a entrevistada/

Fonte: arquivo pessoal.

Essa relação com a religião católica é muito presente nos relatos da entrevistada e demonstra mais uma vez o sincretismo presente na benzeção. No relato a seguir tem-se a descrição dos elementos que D. Nazaré utiliza em sua prática, que segundo ela, tem haver sempre com o problema ou o anseio que a pessoa que a procura informa na "consulta":

> Eu rezo, eu faço banho de ervas, faço remédio, garrafadas, essas coisas tudo eu faço... depende o probrema que a pessoa tem, né? Para fazer os remédios. Vem criança, vem adulto, eu jogo mão de carta, tudo eu faço! Uma rezadeira, eu acho que é o dom que Deus me deu, porque a reza todo mundo tem fé, numa reza proque essa

[8] Oiá ou Iansã dirige o vento, as tempestades e a sensualidade feminina. É a senhora do raio e dos espíritos mortos que encaminha para o outro mundo, segundo a tradição Iorubá. (Prandi, 2001, p. 22)

> reza vem de Deus, né? Porque a gente quando vai pra uma igreja, a gente num vai reza, num vai adorar o santo, adorar Deus? Tudo que a gente quer num pede para Deus? É que nem eu, eu rezo e meus trabalhos tudo o que vou fazer, eu boto Deus primeiramente e peço força para ele, porque já uma coisa que vem de Deus.[9]

A próxima benzedeira é D. Laura Travassos dos Santos, mulher negra maranhense, mãe e avó, moradora a vinte anos da periferia de Salinópolis.[10] Sem incutir contradições entre as mulheres, mas destacar as diferenças de atuação na prática da benzeção; diferentemente da primeira entrevistada, D. Laura enfatiza a negação de que não pratica a umbanda, que tudo o que faz é em nome de Deus e porque Ele, segundo ela, permite. Entretanto, apesar disso, foi perceptível o uso de elementos desta religião em diferentes pontos dos relatos e das imagens conseguidas por meio da entrevista. Os autores Nogueira e Tristão e a autora Versonito descrevem essas diferenças de atuação:

> Embora apresentem inúmeras semelhanças, cada agente da benzeção apresenta uma maneira peculiar de lidar com a benção. A singularidade de cada benzedeira representa uma adaptação singular, mesmo que tenha recebido o dom de uma maneira, tende a se moldar em busca do ápice de sua realização ao benzer. É a procura pela melhor execução do dom. (2012, p. 175)

A seguir algumas imagens demonstrando a presença do catolicismo na atuação da entrevistada e uma exemplificação da reza em uma cliente:

Imagem 3: altar do santos e santas católicas e das entidades comuns em religiões de matriz africana/

Fonte: arquivo pessoal.

[9] Entrevista concedida no dia 17 de outubro de 2023 pela dona Maria de Nazaré.

[10] A entrevistada concedeu autorização para o uso do nome e de suas imagens neste Artigo, assim como a cliente que aparece na Imagem 4.

Imagem 4: D. Laura entoando uma oração a uma cliente/ Fonte: arquivo pessoal.

A seguir o relato de como d. Laura desenvolve sua prática há mais de trinta e cinco anos:

> E um trabalho vamos se dizer, que meu trabalho não é vamos se dizer de dança, de pulo, de bebida, não. O meu trabalho ele é normal como é mais força com Deus, porque eu me pego com Deus, eu tenho é... é uma esperança, porque nós todos, e... temos que acreditar que existe um Deus aí nós tem que lutar para ser aquela luz divina, né? Que Deus resplandece aquela luz, né? E traz aqui muitas das vezes chega gente desesperado eu não digo não, [que] eu sou melhor do que os outros não, eu não sou melhor, eu tenho é... vamos assim dizer, uma luz que deus me guia, uma luz que deus me concedeu para me ajudar o povo, né? E eles venho e eles trazem essa luz sagrada para mim, né?[11]

Um dos primeiros elementos que se pode destacar está contido na frase final do relato de d. Laura: “E eles venho e eles trazem essa luz sagrada para mim, né?”. No decorrer da entrevista, ela confirma que o pronome “eles” se refere aos “guias” e cita nomes de entidade conhecidas da Umbanda como “Jarina”, “Maria Padilha”, “Zé Raimundo”, “Rompe Mato”. Estes são alguns exemplos de elementos considerados como orixás nesta religião. Segundo o que afirma Ademir Júnior, nos cultos da Umbanda há uma veneração pelos orixás, esses assim como os santos na igreja Católica, são considerados os intermediadores entre o sagrado e o profano. Onde os pedidos que são feitos a eles, são levados a Deus para sua intercessão espiritual (2017).

Esse método de negação dos elementos umbandistas presentes na fala desta entrevistada denota o cuidado sobre as percepções que a entrevistadora possa vir a construir sobre ela enquanto benzedora. Porém, este é mais um indício do medo do racismo religioso muito comum às religiões de matrizes africanas.

Quanto aos rituais desenvolvidos por d. Laura na sua benzeção - que segundo ela, são desenvolvidos de acordo com a necessidade de cada cliente - ela descreve a maneira como se

[11] Entrevista concedida no dia 25 de outubro de 2023.

faz uma “garrafada”, como e o porquê se usa ervas, como se faz um banho de cheiro e em quais horários se deve fazê-lo:

> E... eu uso porque aqui é intermédio que a terra ela não é boa pra planta pra muitas erva. Mas eu uso as erva. Muitas erva eu uso aqui. Né? Do meu quintal. E muitas que eu não uso, né? Pra fazer eu tenho que pedir, fazer, vou atrás, no mato, vou com as pessoas, vou colhendo as planta que eu sei que é pra remédio. Porque se você entrar numa mata você não conhece os pau. Então você vai tirar qualquer, vai tirar de qualquer pau ou a fruta de qualquer pau né? E aí sim e muitas não. Você já sabe, você já manda ali busca os pacote, aí dali você já diz o que é que você quer, do que remédio que planta você quer, aí já manda a lista, aí vê certinho do que a gente quer, né? Cada maço é único.
> [...]
> É preparado. Nós prepara as garrafada. Nós não pode colocar no material de plástico. Você sabe por quê? O plástico ele é ressecável né? Então ele não contém que você bote um produto, né? Numa garrafada que você prepare. Por quê? Ela vai pra cozinhar. Aqui ela tem várias vários é... vamos se dizer porções, né? Ela tem as várias porções. Aí vamos se dizer, você pega aquelas porção tudinho, você bota pra cozinhar. Aí ela vai apurar. Eu cozinho ela “boca” da noite aí deixo ela ferver, ferver. Lá pra uma meia noite eu tiro, não é só umas, é várias né? Aí eu vou peneirar elas todinho no crivo, né? Aí sim, o crivo que eu tenho é um crivo que é necessário pra acuar a garrafada, né? Ele é bem limpinho, né? Aí eu vou fazer, coloco.
> Pra que é que vai servir? Vai servir pro estômago, serve pra um útero, né? Aí é que vai servir. Tem muita gente que encomenda várias, vai daqui pra muito longe e vai. Aí tem pessoas, aí vem mulher, homens, tem pra homens que é separado, pra mulher é separado, homem também. Para criança também. É separado, né? Por quê? Vamos se dizer, de criança ele é um produto e do adulto ele é outro. Então a gente não pode misturar isso todo, isso é uma raízes que a gente tem que buscar e reconhecer. Você precisa ter o dom pra separar. Né? É preciso você ter.
> Se eu for fazer o remédio eu vou baixar as minhas mestras. A mestre índia, né? Aí ela vem, aí ela diz essa poção aqui é de fulana, essa é assim, assim... para fazer tudo isso. [...].[12]

A partir deste relato, podem-se confirmar a influência da ancestralidade do uso da natureza nos rituais praticados por d. Laura, uma vez que confirmam os usos de elementos próprios de práticas que ocorriam no Brasil antes mesmo da colonização que era curar por meio de ervas, chás e banhos. A autora Mary Del Priore descreve sobre os rituais que ocorriam no período colonial quanto a esses usos:

> No quintal, além de colherem ervas para curas e práticas mágicas, as mulheres jogavam as águas com que limpavam as roupas sujas dos mênstruos e as águas com que banhavam os recém-nascidos ou os mortos, lavados pela primeira ou pela última vez em casa. Além de constituir-se em espaço da economia familiar, lugar do plantio de subsistência, da criação doméstica e da cozinha, o quintal era o território prestigiado da cultura feminina, feita de empirismo, oralidade e memória gestual. Tamanha intimidade com as ervas e as águas, permitia às mulheres que exprimissem o seu conhecimento da vida, experimentassem os mistérios da geração vegetal e os relacionamentos com os ciclos lunares. (2004, p. 79-80)

Diante disso, há uma estreita relação ancestral das benzedeiras entrevistadas com a tradição que chega ao século XXI ainda impregnado dos usos da natureza, das manifestações

[12] Idem.

cosmológicas, apesar de um uso diferente do que era naquele período, como descrito na última transcrição de d. Laura quando ela menciona que quando não encontra aquela erva "no mato" ou em seu quintal, é preciso "mandar pedir", ou seja, encomendar a compra. Além disso, o conhecimento tradicional do qual ela se apropria e demonstra dominar sobre o uso das ervas e plantas é próprio desse processo de manutenção da cultura de benzedura.

A terceira entrevistada é d. Zélia Saraiva[13], mulher negra moradora do bairro do Porto Grande em Salinópolis/PA, mãe e avó viúva, marisqueira e pescadora. Diferente das duas primeiras, d. Zélia recentemente deixou de praticar a benzeção e o motivo está inteiramente relacionado a questões de ordem pessoal e social. Esta entrevistada demonstra em seu relato o quanto a questão do cuidado impregnado ao papel das mulheres pode ser primordial para o abandono de sonhos e objetivos individuais em prol da família e do coletivo.

D. Zélia comenta que se sente muito bem quando benze, pois ela encara esse dom como extremamente especial para sua vida, pois se considera importante para comunidade em que atua como alguém que ajuda a entender e resolver problemas de saúde que estão aclamados ou não na ciência medicinal como os maldizeres de ordem mística. O relato sobre como se sente quando reza em alguém está impregnado de memórias de saudades e religiosidade:

> Eu me sinto uma pessoa feliz, entendeu? Porque que sei que eu tô fazendo uma parte que né pra mim. Estou fazendo uma parte que Deus me deu, né. Então se as pessoa me procura e Deus coloca no caminho porque ele sabe aonde que vem cair né... Nas minhas mãos, ele que comanda porque não é eu que faço procuração, né? As pessoa devia me procurar através de Deus eu digo assim né? Porque meus contato tudo eu tenho boto primeiro ele na minha frente. Hm-huh... Todo o meu negócio, toda a minha sabedoria ele que me dá, né? Então eu creio que seja de me ajudar. Quando eu vejo que o negócio está muito pesado que eu vejo que não dou conta e eu... Eu despacho. Não dá...[14]

Apesar da felicidade que se entusiasma a contar sobre o ato de benzer e se sentir importante, ela passou por um processo traumático que a fez deixar de lado a benzeção, por conta da perda do marido que ocorreu há um ano e meio contando até o dia da entrevista. Este fato influenciou bastante na sua rotina enquanto mãe e avó, porque após isso a mesma teve que tomar para si todas as responsabilidades da casa, principalmente, a de colocar comida na mesa todos os dias. Missão que ela consegue de forma precária por meio da coleta de mariscos na beira da praia e da pesca com a canoa de propriedade da família.

A entrevistada relata sobre esse acontecimento no trecho a seguir de forma saudosa e emocionada, quando perguntada se é muito procurada na região:

---

[13] A entrevistada autorizou o uso de seu nome e imagem neste artigo.
[14] Entrevista concedida dia 29 de outubro de 2023.

> Não, depois agora que meu marido faltou, né? Foi embora, morreu... aí eu já dei uma pausa, sabe? Já num to mais frequentando muito não, porque eu me sinto só, do lado dele não, eu me sinto já segura, né? Porque as vezes quando eu... dava pa mim conversar e ele me ajudava conversava também. **Quer dizer que eu me sentia mais forte, né**? Agora não, eu dei um tempo, tem vez que aparece gente aí... **Eu já num to mais para muitas coisas mais, num sei se é devido o cansaço também que a gente fica um pouquinho meio abatida através do serviço, né? Aí a gente fica agoniada, eu pelo menos eu já tô, vivo muito estressada, depois que ele foi minha vida virou de cabeça para baixo, é um problema daqui é uma coisa dalí e aí vem uma, filho vem e trás uma má notícia e já traz, e não tem com que a gente reparte, a gente fica só para gente, não tem assim como conversar, né? Pra repartir. Como sempre eu fazia com ele. Às vezes os filho chegava "mamãe tá acontecendo assim dessa maneira, dessa e dessa", aí eu dizia tá, bora resolver, né? Aí quando era nas horas da noite, me sentava com ele "meu velho, tá acontecendo assim bora resolver, dá um jeito aí, bora ver como nós vamos fazer". E aí gente já tinha palavras pa... agora não, eu me sinto só, trancada, eu não tenho com quem reparta. Aí quer dizer que para mim, eu vou só...** As vezes aparece gente aí, ela mesmo despacha (a sobrinha), "a titia tá ruizinha, ela num tá podendo benzer, ela tá muito mal". Antes dele (o marido) morrer, graças a deus, eu enfrentava. Muita gente me procurava. Muita gente mesmo da cidade, dos interior. Eu passei seis mês em Belém cuidando de gente pa lá, mas graça as deus. (Grifos próprios).[15]

Mais uma vez nos remete a discussão em Valeska Zanello (2018) sobre os papeis sociais que influenciam de forma direta nas práticas culturais das sujeitas que tendem a acumular em suas performances sociais uma tendência de cuidado, zelo, responsabilidades mais privadas e voltadas ao lar, ou no caso da entrevistada, que faz parte de uma classe baixa – pobre e periférica – a subalternização tende a ser muita mais enfática e sistematizadora. A imagem a seguir mostra a entrevistada que concedeu o relato em sua casa na periferia de Salinópolis, o olhar cansado e o semblante entristecido demonstram o pesar de sua fala:

Imagem 5: D. Zélia em sua residência no dia da entrevista./ Fonte: arquivo pessoal.

[15] Idem.

Foram primordiais para mudança de atuação de Dona Zélia questões que estão alheias a ela, principalmente, porque passou a ser protagonista no grupo social da qual ela faz parte: a família. Associado a isso são as questões de ordem social, pois a entrevistada não possui emprego formal, fazendo com destinasse seu tempo e energia para sobrevivência dela e de seus parentes. No relato acima também está implícito situações de violência que são muito comuns na periferia: coerção da polícia, envolvimento com drogas, a fome, entre outros.

A partir de outros trechos da entrevista fica evidente a relação dos sujeitos e sujeitas que eram atendidos por ela com o fim principal para resolver males de saúde e mal-estar espiritual. Sobre a primeira afirmativa, é importante destacar como a relação com a saúde pública se faz presente nos atendimentos que todas as entrevistadas relatam. Mas destaca-se entre as três mulheres a fala de d. Zélia, que demonstrou muito mais proximidade com pacientes vindo do hospital de forma pontual por conta de morar num bairro mais próximo do centro e ter um "encaminhador" de pacientes, segundo ela:

> Assim, aqui é uma casa já de recurso, né? Porque quando eu vejo que dá eu faço a minha parte. Que Deus me ajude. Quando eu vejo que não dá aí eu mando seguir em frente. Procura uma pessoa melhor pra... pra ajudar, né? **E assim que eu sempre gostei de trabalhar e gostei também de fazer porque muita das vezes que eu tenho um sobrinho lá no hospital grande que ele joga a gente de lá pra cá, sabe**? Que às vezes não está dando certo lá, aí ele hoje manda pra cá e eu faço a minha reza e Deus amostra, aí levanta e assim. Muita das vezes quando eu vejo que não dá aqui eu já mando pra lá e eu... eu digo ela às vezes pra ele eu digo filho o que está acontecendo assim, assim...? Não está dando certo aí você aí manda a ambulância vim buscar, quando não a gente dá jeito por aqui mesmo faz um remédio caseiro na pessoa fica bom, às vezes num é nem preciso o remédio da farmácia, aí remédio caseiro mesmo Deus amostra e a gente... É assim que eu me sinto e muito feliz graças ao meu bom Deus muito obrigado senhor. (Grifos próprios)[16]

Analisa-se na fala à importância que d. Zélia dá a sua prática, apesar de não estar mais atuando, porque percebe que pessoas que não a conhecem confiam na reza e na destreza do cuidado que ela emprega aos clientes, as orientações e sinceridade que ela direciona nos atendimentos, bem como o trato com o problema apresentado naqueles que chegam do hospital – ela relata com ares de saudade.

As questões primordiais demonstradas nesta fala elucidam que apesar de Salinópolis contar com um Hospital Regional e sistema de atendimento básico de saúde, os moradores da cidade e de outras localidades – interior, vilas, outros municípios – não negam a atuação das benzedeiras, pelo contrário, eles buscam nessas mulheres a solução para seus males físicos, psicológicos e espirituais. Confiam na atuação delas, nas suas orações, no uso de seus "guias" e mestres – santos, santas, orixás.

---

[16] Ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões estabelecidas neste artigo demonstram que a benzeção em Salinópolis se mantém por conta da necessidade e da crença em sanar problemas tratados pela saúde pública como uma complementação do atendimento ou uma alternativa para além dos sistemas de saúde constituídos. Isso só ocorre porque permanece a crença na religiosidade católica, umbandista e de influências indígenas. Também se fortalece a isso a confiança no papel histórico-social das mulheres: de cuidadoras.

Confirmou-se nesta pesquisa a relevância das Mulheres Benzedeiras para diferentes indivíduas e indivíduos, de diferentes classes sociais, credos, origens, entre outras especificações, que não se submetem a estigmas ou preconceitos e assim ajudam na permanência dessa prática nos mais diferentes espaços da sociedade salinopolitana: nos espaços materiais e na memória ou oralidade.

Os resultados da pesquisa demonstraram isso: diferentes pessoas que opinaram ao longo do artigo lembraram-se de mulheres de outrora que carregavam em si a prática de benzer, nas quais foram levados para uma reza ou levavam seus filhos (as) e netos (as), etc., para curar um male que a ciência não conseguiu solucionar.

É preciso elucidar as mudanças que são, principalmente, relacionadas a uma mercantilização de elementos e objetos das quais essas mulheres precisam para realizar os rituais: ora não cobram, ora cobram a sua necessidade. Esta está associada à ausência de plantas e ervas nos quintais, por conta da escassez de mata nos arredores de seus lugares de moradia. Assim como era antes da urbanização predatória.

Portanto, as benzedeiras de Salinópolis, representadas aqui pelas três mulheres entrevistadas, tem um lugar de destaque na cultura imaterial do município e devem ter suas práticas salvaguardadas para que as próximas gerações tenham acesso à riqueza que elas carregam em suas existências.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. dos S. **Orixás e Guias Espirituais como Médicos do Espaço**: Rituais e experiências de cura na Comunidade Espiritualista Alvorada (Juiz de Fora – MG). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e Medicina na colônia: o corpo feminino**. In: História das Mulheres no Brasil / Mary Del Priore (Org.); Carla Bassanezi (coord. de texto). 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

DOMINGUES, Márcio Luiz. **Saúde, Doença e Cura em Cultos Umbandistas**: estudo de caso de um terreiro de Umbanda na cidade de Juiz de Fora. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de PósGraduação em Ciência da Religião, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC,1989.

_____, Clifford. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JÚNIOR, Ademir Barbosa. **Teologia de Umbanda e suas Dimensões**. São Paulo: Anúbis, 2017.

LACOSTE, Jean Yeves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad: Paulo Meneses... et al. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2004.

LAVELEYE. Didier de. **Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da "pajelança"**. In Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia. – Belém: EDUFPA, 2008.

MARINHO, R. S. **Faces da expansão urbana em Salinópolis, zona costeira do estado do Pará**. 2009. p. 135. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2009.

NOGUEIRA, L. C.; VERSONITO, S. M.; TRISTÃO, B. D. **O dom de benzer**: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. Élisée, Rev. Geo. UEG – Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez. 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzenção**. São Paulo: Brasiliense; 1985.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. / (Tradução Ricardo Santhiago). São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás** / Reginaldo Prandi; ilustrações de Pedro Rafael – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Thiago Lima dos. **Pajelança**: religião e sociedade no século XIX e XX. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, natal, p. 1-19, 2014. In: CAMARA, Yls Rabelo. A cura por meio da benzeção feminina: um estudo de caso com uma rezadeira de Fortaleza. Fortaleza: Revista do Gelne, v. 22, número 2, 2020.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Compahia das Letras, 1986.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 1994, Vol. 1, Cap. V "Sociologia da religião (Tipos de relações comunitárias religiosas)". p. 279-418.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação./ Valeska Zanello. – 1 ed. – Curitiba: Appris, 2018.